



ID: 114543227

09-12-2024



Celebração em Damasco, depois de os rebeldes derrubarem regime de Assad.

EPA / BILAL HAMMOUD



Sírios no exterior, do Egito ao Reino Unido, também festejaram.



O palácio presidencial foi pilhado e algumas salas queimadas.

# QUEDA DE ASSAD

## Primavera Árabe chegou à Síria 13 anos depois. E agora?

**LIBERTAÇÃO** O presidente sírio fugiu e já estará em Moscovo, não tendo resistido à ofensiva-surpresa dos rebeldes islamitas. “Uma grande vitória”, disse o líder do HTS, com a comunidade internacional a falar de uma “oportunidade histórica”, mas cheia de potenciais riscos.

TEXTO SUSANA SALVADOR

O presidente sírio, Bashar al-Assad, que já estará no exílio em Moscovo, resistiu durante 13 anos à Primavera Árabe. Mas bastaram 12 dias no final deste outono e uma ofensiva-surpresa dos rebeldes islamitas a partir de Idlib, que foram avançando pelo país quase sem resistência, para acabar com o seu regime que durava há 24 anos – há 53 se contarmos com o do pai, Hafez, que governou antes dele. Os sírios fazem a festa, finalmente livres do ditador, e a comunidade internacional fala numa “oportunidade histórica” para o futuro. Mas a História também mostra o que pode correr mal.

“Uma nova história, meus irmãos, está a ser escrita em toda a região após esta grande vitória”, disse o comandante rebelde Abu Mohammed Al-Jolani num discurso na mesquita dos Omiadas, Património da Unesco no centro de Damasco, considerada o quarto lugar mais sagrado para os muçulmanos. Assad, apoiado

pelo Irão e pela Rússia, “transformou a Síria num terreno para as ambições iranianas e espalhou o sectarismo e a corrupção”, afirmou o líder do grupo islamita Hayat Tahrir al-Sham (HTS), defendendo que “a Síria foi limpa”.

Segundo fontes do Kremlin, citadas pelas agências russas Tass e Ria Novosti, o presidente sírio e a família já estão em Moscovo. “A Rússia, por razões humanitárias, decidiu conceder-lhes asilo”, referiu a fonte. Moscovo, que apoiou o regime e tem duas bases militares no país, pediu uma reunião de emergência do Conselho de Segurança das Nações Unidas para discutir a situação na Síria. A reunião será hoje.

Após a “libertação de Damasco”, Al-Jolani tem nas mãos um país dividido entre várias facções armadas após 13 anos de guerra civil. Os seus rebeldes, que há menos de duas semanas controlavam apenas a região de Idlib, conquistaram, em 12 dias, também Aleppo, Hama e Homs, além da capital. No noroeste, a oposi-

ID: 114543227

09-12-2024



RPA / ALEXANDER HERBES



EPA7 / NOTKAMMED AL RIFAAT

ção apoiada pelos turcos está em choque com os curdos, aliados dos norte-americanos na luta contra o Estado Islâmico – que pode aproveitar o vazio de poder para voltar a ganhar força. O receio é que as divisões internas possam gerar uma nova Guerra Civil, como aconteceu após a Primavera Árabe na Líbia – ainda um Estado falhado.

O primeiro-ministro sírio, Mohammed Ghazi al-Jalali, que es-

**A Rússia, que apoiava o regime de Assad e tem duas bases militares na Síria, pediu uma reunião de emergência do Conselho de Segurança da ONU.**

tava no cargo desde setembro, vai continuar a supervisionar as instituições estatais até à passagem de poder. O presidente do mais alto órgão político da oposição síria no exílio, a Coligação Nacional Síria (SNCF), Hadi Al Bahra, mostrou-se confiante de que, “dentro de dois ou três dias”, Damasco estará segura. “O atual governo vai ficar e continuar o seu trabalho até que haja uma transição adequada. Todos os funcionários do Estado permanecerão nos seus postos, continuarão com as suas funções”, afirmou em Doha.

O secretário-geral da ONU, António Guterres, pediu calma e que se evite a violência. “Há muito trabalho a fazer para assegurar uma transição política ordenada para instituições renovadas”, afirmou num comunicado, pedindo a proteção dos direitos “de todos os sírios, sem distinção”. Para Guterres, esta é “uma oportunidade histórica para construir um futuro estável e pacífico”, defendendo que é preciso o apoio de toda a comunidade internacional.

Os EUA veem neste desfecho a fragilidade dos países que apoiam o regime – Rússia e Irão – com o presidente norte-americano, Joe Biden, a falar de um “momento de risco e de incerteza”. Washington considera o grupo rebelde que liderou a ofensiva como terrorista, apesar de ter cortado os laços com a Al-Qaeda. Os EUA aproveitaram para atacar mais de 75 alvos do Estado Islâmico no centro da Síria, para enviar a mensagem de que não vão permitir que este volte a crescer.

“Esta mudança histórica na região oferece oportunidades, mas não é isenta de riscos”, escreveu no X a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, acrescentando que a Europa “está pronta a apoiar a salvaguarda da unidade nacional e a reconstrução de um Estado sírio que proteja todas as minorias”.

A ofensiva rebelde dos últimos dias causou pelo menos 910 mortos no país, incluindo 138 civis. Mas as mortes foram esquecidas no momento da festa da queda de Assad, com os sírios a dispararem tiros para o ar, a derrubarem estátuas do ditador e a pilharem o palácio presidencial, onde algumas salas foram queimadas. A festa fez-se também fora de fronteiras, para onde muitos sírios fugiram – 4,1 milhões continuam refugiados na Turquia e outros milhões vieram para a Europa.

susana.f.salvador@dn.pt

## VENCEDORES E VENCIDOS

### TURQUIA

A queda de Bashar al-Assad representa uma vitória para o presidente turco, Recep Tayyip Erdogan, que sempre apoiou os opositores islamitas na Síria (não-especificamente o grupo desta ofensiva). Com a desculpa de criar uma zona-tampão junto à fronteira e afastar os curdos (o partido PKK é considerado terrorista), Ancara ocupou várias zonas na Síria. O fim do regime dá a Erdogan mais espaço de manobra contra os curdos.

### ISRAEL

“Dia histórico.” O primeiro-ministro israelita, Benjamin Netanyahu, não hesitou em dizer que a queda de Assad se deveu aos “golpes infligidos ao Irão e ao Hezbollah” – seus principais apoiantes – por Israel. Mas admite que há riscos e reforçou a presença militar junto à fronteira.

### IRÃO

A queda de Assad, que ajudou a manter no poder, é mais um desaire para Teerão e o seu “eixo do mal”, com Hamas e Hezbollah (e o próprio Irão) já enfraquecidos pela guerra com Israel. Teerão deixa ainda de poder contar com uma ligação por terra para o Líbano, deteriorando mais a sua posição nesse país.

### RÚSSIA

Outro dos derrotados, depois de ter ido em auxílio de Assad em 2015. Distraída com a guerra na Ucrânia, a Rússia estava a pressioná-lo a reconciliar-se com a Turquia, atrás de uma solução política que permitisse manterem as duas bases na região, através das quais opera no Médio Oriente e no Mediterrâneo.

### EUA

Ainda têm tropas no leste da Síria, onde apoiam os curdos, sendo que a vitória dos islamitas representa “um momento de risco e de incerteza”, disse o presidente Joe Biden, temendo um novo crescimento do Estado Islâmico. O presidente-eleito, Donald Trump, disse, na véspera, que os EUA “não têm nada a ver” com esta guerra e não se devem “intrometer”.

## Al-Jolani, o antigo líder da Al-Qaeda que moderou o discurso mas é uma incógnita

**PERFIL.** O seu grupo liderou a ofensiva que levou à queda de Assad, mas é considerado um terrorista pela ONU.

A transformação de Abu Mohammed al-Jolani começou em 2016, quando cortou os laços com a Al-Qaeda. Aos poucos, abandonou o turbante e passou a vestir um uniforme militar ou até um simples fato civil. A amenização da imagem foi acompanhada pela moderação do discurso, apresentando-se como campeão do pluralismo e da tolerância numa altura em que o seu grupo – o Hayat Tahrir al-Sham (HTS) – se tornava na força dominante na província de Idlib, o último reduto rebelde na Síria. Agora, entrou triunfante em Damasco, mas para as Nações Unidas continua a ser um terrorista como HTS.

“Esta é uma caracterização injusta”, disse Al-Jolani na primeira entrevista que deu a um jornalista norte-americano, ainda em 2021. “É um rótulo político que não contém verdade ou credibilidade, porque ao longo da nossa jornada de dez anos nesta revolução não representámos qualquer ameaça à sociedade Ocidental ou europeia: nenhuma ameaça à segurança, nenhuma ameaça económica, nada. É por isso que esta designação é politizada”, queixou-se ao programa *Frontline* (PBS).

Mas quem é Al-Jolani? Na realidade o seu nome verdadeiro é Ahmed Hussein al-Sharaa, sendo o outro um nome de guerra que faz referência às suas origens – os Montes Golã, que o avó paterno teve alegadamente



Abu Mohammed al-Jolani  
Líder dos rebeldes do HTS

qde abandonar por causa da ocupação israelita, em 1967.

Segundo a Al-Jazeera, nasceu em 1982 em Riade, na Arábia Saudita, onde o pai trabalhava como engenheiro petrolífero, regressando com a família para a Síria em 1989, onde se instalaram nos arredores de Damasco.

Terá sido depois dos atentados do 11 de Setembro de 2001, nos EUA, que foi atraído para o jihadismo. “Qualquer pessoa que visse no mundo islâmico, no mundo árabe, nessa altura, e que diga que não ficou contente estará a mentir”, disse na entrevista à PBS. Quando os EUA atacaram o Iraque, em 2003, Al-Jolani juntou-se à Al-Qaeda e à resistência iraquiana. Preso pelos norte-americanos em 2006, chegou a passar pela infame prisão de Abu Ghraib.

Quando saiu, cinco anos depois, regressou a casa para criar a Frente Al-Nusra – o ramo sírio da Al-Qaeda. Uma tarefa que lhe foi atribuída por Abu Bakr al-Baghdadi, líder do “Estado Islâmico no Iraque”, formado pela Al-Qaeda, mas que depois cortou os laços com este grupo e se tornou simplesmente no Estado Islâmico. Al-Jolani rejeitou fazer parte, mantendo a ligação à Al-Qaeda, mas uma vez que era contra a ideia de um “califado global” e queria focar-se apenas na “República Islâmica” na Síria, optou pela rutura em 2016.

Nasceu então o HTS, que foi esmagando outros grupos rivais até controlar Idlib – onde criou um governo civil – enfrentando acusações da parte de ativistas de abusos contra dissidentes. Ciente disso, Al-Jolani multiplicou-se nos últimos dias em discursos e entrevistas, procurando garantir em todas as cidades que foi libertando das forças do regime de Assad que as minorias cristãs e outras não iriam ser afetadas pelo facto de um grupo sunnita assumir o poder e pedindo aos seus combatentes para garantirem a segurança de todos. Agora, enfrenta o teste final. **s.s.**

ID: 114543227

09-12-2024

# Oftalmologista, Bashar al-Assad herdou o poder após tragédias familiares

**SÍRIA** Presidente agora deposto estava à frente do país desde 2000, quando o seu pai, o à altura líder sírio Hafez Al-Assad, faleceu vítima de um ataque cardíaco. Anos antes, o seu irmão Bassel, visto como o natural sucessor da dinastia, tinha sido vítima fatal de um acidente de automóvel.

TEXTO NUNOTIBIRIÇA

Foi após a morte de seu pai, Hafez al-Assad, no ano 2000, que Bashar al-Assad ascendeu ao poder na Síria, onde ocupou o cargo de presidente do país até ontem, quando os rebeldes da oposição armada tomaram a capital Damasco. Na tarde de domingo, o Kremlin anunciou que Bashar al-Assad estava em Moscovo.

A dinastia política criada pela sua família teve início em 1970, quando Hafez al-Assad orquestrou um golpe de Estado que colocou o Partido Baath no poder. Apelidada de Revolução Corretiva, o movimento deu início aos 30 anos de ditadura de Hafez à frente do poder, sendo que, antes de sua morte e de Bashar ser chamado a ocupar o cargo, havia ou-

tras opções vistas pelo líder. A primeira delas era o seu irmão mais novo, Rifaat al-Assad.

Em meados dos Anos 80, no entanto, Rifaat tentou aproveitar-se de um momento de fragilidade física de Hafez para tomar o poder na Síria. Foi acusado de traição e, após a sua recuperação, Hafez exilou o irmão, que viveu em França até 2021, antes de finalmente retornar à Síria.

A segunda opção de Hafez para ocupar o seu lugar teve destino ainda mais trágico. O seu filho Bassel tinha sido preparado desde cedo para se tornar o futuro presidente sírio, sendo um dos nomes mais ligados às Forças Armadas no início dos Anos 90.

Um entusiasta de carros de velocidade, Bassel sofreu um aci-

dente ao colidir com o seu próprio veículo quando conduzia em direção ao Aeroporto Internacional de Damasco, em janeiro de 1994. Morreu instantaneamente, levando o país a uma onda de luto e homenagens, e fazendo com que Hafez chegasse à escolha seguinte para ocupar o cargo no futuro: é aí que finalmente chegamos a Bashar al-Assad.

**Não fosse o acidente de seu irmão Bassel, Bashar al-Assad, antes distante da política, talvez nunca tivesse chegado ao poder.**

Três anos mais novo que Bassel, Bashar é oftalmologista de formação, especialização que adquiriu após estudar no Western Eye Hospital, em Londres, em 1992. Antes disso, o filho mais novo de Hafez havia estudado Medicina em Damasco, onde deu os primeiros passos na profissão no Exército sírio.

A falta de experiência política de Bashar, que entrou para a Academia Militar apenas em 1998, foi vista como fator de desconfiança e alvo de críticas por parte de apoiantes do regime quando Hafez apontou que seria ele o seu sucessor. Tornou-se presidente da Síria em 2000, após Hafez morrer vítima de um ataque cardíaco, aos 70 anos.

Não fosse o acidente de Bassel, seis anos antes, Bashar talvez nun-

ca tivesse chegado ao poder até hoje, afinal, até à fatalidade de seu irmão, nunca se havia se preparado para isso. Bashar ainda tem dois irmãos vivos: Maher e Bushra. O mais novo, Majd, morreu em 2009. E por falar na família de Bashar al-Assad, foi justamente em Londres que o ex-presidente começou a formar a sua.

Bashar conheceu a mulher, Asma al-Assad, quando vivia em Inglaterra. Os dois casaram-se em dezembro de 2000, após a morte de Hafez e continuam juntos desde então. A primeira-dama síria passou a aparecer nos holofotes em 2012, quando defendeu publicamente o marido durante ataques do regime. Em 2017, ingleses iniciaram uma campanha para retirar a cidadania a Asma, nascida em Londres, filha de pais que emigraram de Homs, justamente a cidade na qual os indícios da queda de Bashar se tornaram mais evidentes no histórico fim de semana. O casal têm três filhos, Karim, Zein e aquele que foi homenageado com o nome do pai de Bashar, Hafez. Assim como Bashar al-Assad, a sua família também se refugiou em Moscovo, de acordo com o Kremlin.

Ao longo dos últimos 54 anos, a Síria foi marcada pela repressão por parte do Governo. Dois momentos em especial são destacados como os mais "agressivos" da Dinastia al-Assad: o primeiro foi em 1982, quando o regime reprimiu de forma sangrenta uma insurreição da Irmandade Muçulmana, em Hama, no centro da Síria. Estima-se que o número de mortos tenha estado entre os 10 mil e os 40 mil.

Quase 30 anos depois, em 2011, as revoltas que surgiram no Magrebe e no Médio Oriente e ficaram conhecidas como Primavera Árabe chegaram ao país. Naquele tempo, o movimento desencadeou uma Guerra Civil na Síria que fez meio milhão de mortos.

Treze anos depois, o movimento de revolta naquela região que derrubou líderes de países como Egito, Líbano e Tunísia, faz agora Bashar al-Assad cair do poder: nas ruas de Damasco, os rebeldes sírios comemoram o fim de mais de cinco décadas de repressão às mãos da família Al-Assad. Resta saber se o futuro propõe uma solução mais próxima da paz ou ainda mais trágica – com dissidentes da Al-Qaeda entre os rebeldes – do que aqueles que derrubaram o regime de Bashar al-Assad.

nuno.tibirica@dn.pt



A família al-Assad. Em pé, da esquerda para a direita: Maher, Bashar, Bassel, Majd e Bushra. Sentados, Anisa Makhlof e Hafez Al-Assad.

**Maria João Tomás**  
"A Síria vai entrar em guerra"



Professora do ISCTE, especialista em Médio Oriente

**Perante a derrota de Assad, vê com otimismo o futuro da Síria?**

Acho que vai entrar em guerra, literalmente. Não tenho muitas dúvidas de que a Rússia irá em auxílio do regime de Assad. E o Irão e o Hezbollah também. Não sei quando é que acontecerá no tempo, porque Putin responde com alguma ponderação, mas a Síria vai entrar em guerra. Já está em guerra, mas vai entrar numa guerra em que potências estrangeiras vão tentar manter o regime de Assad, apesar de ele ter caído.

**O regime de Assad garantia uma paz tácita?**

Sim, garantia. E garantia a coesão do país. Neste momento não temos um bom futuro para a Síria. Vamos ter uma Síria parecida com um país dividido, em que vamos ficar com o Curdistão a norte, provavelmente, várias áreas divididas a sul. Inclusive, com o Estado Islâmico a controlar algumas partes. Não auguro nada de bom.

**Que balanço faz da Primavera Árabe?**

Este terá sido o último e o mais sangrento de todos os conflitos da Primavera Árabe. Foi o único que manteve, de alguma forma, todas as guerras e que conseguiu manter-se no poder. Agora, pelos vistos, que capitulou, não creio que será por muito tempo, porque as potências amigas estrangeiras vão ajudá-lo a recuperar o poder.

**Nomeadamente a Rússia.**

A Rússia. E o Irão, por causa do eixo xiíta.

**Por que motivo é que a revolta acontece agora?**

Porque o Hezbollah estava enfraquecido. E porque é preciso distrair a Rússia da guerra da Ucrânia, antes de 20 de janeiro [quando Trump toma posse].

**Distração por parte de quem?**

A Turquia já disse que está do lado do HTS, dos rebeldes, que eu não tenho outro nome para lhes dar a não ser jihadistas. A Turquia fez o que precisava para controlar o YPG [Unidades de Proteção Popular], que são os irmãos do PKK [Partido dos Trabalhadores do Curdistão], que são os seus opositores no país. **v.m.c.**



**1** Bashar al-Assad, presidente da Síria de 2000 até 2024  
**2** Muammar Kadhafi, líder da Líbia de 1969 até 2011  
**3** Hosni Mubarak, presidente do Egipto de 1981 até 2011  
**4** Ali Saleh, presidente do Iémen de 1990 até 2012 (entre 1978 e 1990 foi presidente do Iémen do Norte)  
**5** Zine Abidine Ben Ali, presidente da Tunísia de 1987 a 2011

# Assad, o quinto ditador vítima da Primavera Árabe

**REVOLTA** Presidente sírio foi desafiado logo em 2011, tal como o tunisino Ben Ali, o líbio Kadhafi, o egípcio Mubarak e o iemenita Ali Saleh, mas resistiu durante 13 anos e a sua queda agora surpreendeu.

TEXTO **LEONÍDIO PAULO FERREIRA**

**Q**uando em dezembro de 2010 o vendedor ambulante tunisino, Mohamed Bouazizi se imolou pelo fogo em Sidi Bouzid para protestar contra a prepotência da polícia, desencadeou no país uma revolta popular que depressa alastrou a todo o mundo árabe, com a população a sair à rua num grito de revolta e de esperança de liberdade. No espaço de pouco mais de um ano, quatro ditadores foram derrubados, não só Zine Abidine Ben Ali, na Tunísia, como Hosni Mubarak, no Egipto, Muammar Kadhafi, na Líbia, e Ali Saleh, no Iémen. Bashar al-Assad, na Síria, foi também desafiado, e uma rebelião armada tomou conta de boa parte do país, mas o regime que herdara do pai, Hafez, sobreviveu durante 13 anos graças ao apoio militar da Rússia e do Irão, mesmo nunca reconquis-

tando todo o território. Agora, também Assad filho caiu, depois de uma ofensiva relâmpago da oposição islamita, que beneficiou de os russos estarem mais preocupados com a guerra na Ucrânia e o iranianos, mais o seu aliado Hezbollah (outro apoiante do regime de Damasco), terem como prioridade resistir a Israel. O destino dos quatro ditadores derrubados logo pela chamada Primavera Árabe é conhecido: Ben Ali morreu no exílio na Arábia Saudita, em 2019; Kadhafi, que governou 42 anos, foi morto em finais de 2011 durante a Guerra Civil líbia (onde a NATO apoiou a oposição); Mubarak morreu em 2020 num hospital militar no Cairo, depois de estar anos preso; Ali Saleh foi morto pelos *houthis* no Iémen, em 2017, depois de um regresso ao país em que revelou ter ainda ambições políticas – um

erro trágico de um homem desde 1978 habituado ao poder. Assad, por seu lado, fugiu agora da Síria e é dado como estando em Moscovo.

**Dos países da Primavera Árabe, hoje só a pequena Tunísia insiste na via democrática, mesmo que o atual presidente, Kais, seja acusado de tentação autoritária depois de o sistema ter passado de parlamentar para presidencialista.**

vo, sob proteção dos russos. Governava desde 2000, tendo sucedido ao pai, que foi o homem forte do país durante três décadas. A Guerra Civil síria, marcada por extrema brutalidade do regime de Damasco, mas também pelos rebeldes, muitos deles jihadistas, deixou como legado meio milhão de mortos, sete milhões de deslocados internos e seis milhões de refugiados, uma boa parte na vizinha Turquia.

Dos países da Primavera Árabe, hoje só a pequena Tunísia insiste na via democrática, mesmo que o atual presidente, Kais Saied, seja acusado de tentação autoritária depois do sistema ter passado de parlamentar para presidencialista. A Líbia continua num caos, com várias facções a disputar o poder. No Egipto, um ex-general, Abdel Fattah al-Sisi, governa com mão de ferro, muito na linha de Mubarak. No Iémen, depois de uma longa Guerra Civil, os *houthis* dominam hoje a maior parte do país, mas são desafiados interna e externamente, e envolveram-se no conflito de Israel com o chamado Eixo da Resistência liderado pelo Irão.

Resta agora saber o destino da Síria pós-Assad, onde, além dos interesses estrangeiros, a começar pela Turquia, principal apoiante da oposição, há vários grupos que continuarão a desafiar quem quer que seja que governe em Damasco, como é o caso dos curdos, muito agarrados à sua autonomia, na falta de poderem ter um Estado próprio. A própria unidade entre os rebeldes sírios, importante para a ofensiva fulgurante contra Assad, deverá ser de pouca dura, já que inclui desde jihadistas (de várias intensidades ideológicas) a forças moderadas, e também movimentos laicos. Continuam também por se entender com lidarão os alauitas, a poderosa minoria a que pertencem os Assad, com um futuro governo dominado por muçulmanos sunitas como os do grupo Hayat Tahrir al-Sham que os veem como alheios ao Islão, apesar de serem um ramo do xiísmo.

Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

# Diário de Notícias

Segunda-feira 9.12.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 844 / € 1,50 / Diretor Filipe Alves Diretores Adjuntos Leonídio Paulo Ferreira, Nuno Vinha e Valentina Marcelino  
www.dn.pt



**QUEDA DE  
BASHAR AL-ASSAD  
PRIMAVERA ÁRABE  
CHEGOU A SIRIA 13 ANOS  
DEPOIS. E AGORA?**

PÁGS. 4-7 E EDITORIAL

EPRA/HASAN BELAL